

Patologização e objetificação: efeitos discursivos em torno da mulher surda em episódio do seriado Crisálida

*Pathologization and objectification: discursive effects
around the deaf woman in an episode of the series
Crisálida*

Maria Eduarda Toluz de Souza Medeiros Nogueira¹

Elaine de Moraes Santos²

Resumo: Neste artigo, mobilizamos os pressupostos teórico-metodológicos da Análise de Discurso, mais afinada ao pensamento de Michel Pêcheux, para analisar a forma com que uma mulher surda é discursivizada em episódio no seriado brasileiro “Crisálida” (2019) – sendo a primeira produção em série bilíngue (Libras/Língua Portuguesa) do país. Cientes da complexidade dos enfrentamentos vivenciados por pessoas surdas historicamente no Brasil, a justificativa para o recorte decorre do fato de as surdas, além de serem objetificadas pelo patriarcado, ainda figurarem enquanto alvos de múltiplas interdições, violências e preconceitos em função de sua diferença linguística. No seriado, são materializadas diferentes posições-sujeitos em condições de produção próprias. Nelas, emergem sentidos que podem remeter ao sentimento de pertencer, sobretudo ao se deparar com o dia a dia de sua cultura na produção

¹ Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2911-387X>. E-mail: maria.toluz@ufms.br.

² Docente Permanente do Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagens da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Doutora em Letras pela Universidade Estadual de Maringá. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8970-1564>. E-mail: proflainemoraes2@gmail.com.

cinematográfica. A partir do estudo desenvolvido, defendemos que “Crisálida” desnaturaliza formas de normalização ao reunir, em uma coletânea, tantas narrativas voltadas aos impasses derivados do contato da pessoa surda com uma sociedade “ouvintista” (Skliar, 1998). No âmago das tramas sociais vinculadas especificamente a um contexto brasileiro, a face denunciativa do episódio investigado nos permitiu problematizar, na passagem do objeto discursivo para o processo discursivo, a produção de efeitos de patologização e de objetificação do corpo, da mulher, da pessoa surda.

Palavras-chaves: Mulher surda; Crisálida; Análise de Discurso; Patriarcado.

Abstract: In this article, we mobilize the theoretical-methodological assumptions of Discourse Analysis, more in tune with the thinking of Michel Pêcheux, to analyze the way in which a deaf woman is discursivized in an episode of the Brazilian series “Crisálida” (2019) – the first bilingual (Libras/Portuguese) series production in the country. Aware of the complexity of the confrontations historically experienced by deaf people in Brazil, the justification for the cut comes from the fact that deaf women, in addition to being objectified by the patriarchy, are also targets of multiple prohibitions, violence and prejudice due to their linguistic difference. In the series, different subject positions are materialized under specific production conditions. In them, meanings emerge that can refer to the feeling of belonging, especially when faced with the day-to-day of their culture in film production. Based on the study developed, we argue that “Crisálida” denaturalizes forms of normalization by bringing together, in a collection, so many narratives focused on the impasses arising from the contact of deaf people with a “hearing” society (Skliar, 1998). At the heart of the social plots specifically linked to a Brazilian context, the denunciatory aspect of the episode investigated allowed us to problematize, in the transition from the discursive object to the discursive process, the production of effects of pathologization and objectification of the body, of women, of deaf people.

Keywords: Deaf woman; Crisálida; Discourse Analysis; Patriarchy.

Considerações iniciais

Para a composição deste artigo, levamos em conta duas premissas. Na primeira delas, está a forma com que mulheres surdas sofreram e sofrem diferentes violências, interdições e preconceitos em função de sua diferença linguística. Isso porque, ainda paira em nosso país uma correlação entre processos seculares ligados às tentativas de normalização de seu corpo, principalmente decorrentes de uma visão da surdez como deficiência, não como diferença linguística. Na segunda, situa-se nossa percepção quanto às relações de força inerentes aos artefatos ficcionais no que tange seja ao seu papel na promoção de releituras do cotidiano, seja ao seu potencial de engajamento de públicos diversos.

Para a primeira premissa, não podemos nos esquecer de que, conforme destaca Skliar (1998, p. 11), “[...] a surdez constitui uma diferença a ser politicamente reconhecida; [...] é uma experiência visual; [...] é uma identidade múltipla e multifacetada e, finalmente, a surdez está localizada dentro de um discurso sobre a deficiência”. Alinhadas a tal perspectiva socioantropológica, desvinculamo-nos da concepção de surdez como deficiência física e intelectual, propagada por Bueno (2012), que reflete em um mito capacitista disseminado nos discursos de uma sociedade “ouvintista”. Skliar (1998, p. 15) propõe o termo ‘ouvintismo’ como: “[...] um conjunto de representações dos ouvintes a partir do qual o surdo está obrigado a olhar-se e narrar-se como se fosse ouvinte”. O combate ao que o autor explica nos remete necessariamente à assunção de outra ideologia, a partir da qual mobilizamos uma noção de língua articulada aos aspectos sociais e históricos.

Na problemática em que nos situamos, um elemento fundamental para o embasamento teórico decorre, portanto, da forma como a categoria discurso é concebida. A partir do que define Pêcheux (1969, p. 82), o discurso é definido como “[...] efeito de sentido entre interlocutores”, os quais ocupam diferentes posições no interior de uma formação social. Nesse caminho, como “[...] fazer AD é uma práxis social, uma vez que, analisando discursos, também poderemos intervir para transformar a realidade” (Sobrinho, 2023, p.102), nossa investida, aqui, recai em fomentar a compreensão de como o respeito à Libras e o combate à dominância de discursos patológicos não apenas favorecem a inclusão e o respeito às mulheres e às pessoas surdas em geral, mas também criam mais um espaço de resistência no cerne dos processos de minoritarização que são inerentes à luta de classes no Brasil.

Nosso objetivo geral, então, é analisar a forma com que uma mulher surda é discursivizada no episódio um da primeira temporada do seriado Crisálida (2019). Na direção do propósito descrito, trata-se de fazer ecoar um devir tão necessário, como adianta Louro (2014, p. 20), “Estudos sobre as vidas femininas – formas de trabalho, corpo, prazer, afetos, escolarização, oportunidades de expressão e manifestações [...] aos poucos vão exigir mais do que descrições minuciosas e passarão a ensaiar explicações”.

Sem “ensaiar explicações”, procedemos a um exercício analítico-discursivo de episódio que nos permite vislumbrar efeitos de sentido possíveis à materialidade fílmico-seriada, colaborando com a historicização de parte do que vidas femininas enfrentam, diariamente. Para tanto, organizamos o percurso de texto em duas seções. Em um primeiro momento, trazemos o referencial teórico-metodológico acionado. Na segunda seção, analisamos a forma como Morgana, uma mulher surda, foi alvo dos discursos estabilizados, a partir dos trechos retirados do conteúdo ficcional, o que configura a problematização das Sequências Discursivas (SD) I e II mobilizadas.

1. Referencial teórico-metodológico

1.1 Mulher e Surdez e(m) Crisálida: condições de produção

Em trabalho anterior, realizado por uma das autoras, em pesquisa de iniciação científica, focalizou-se o processo tradutório de interpretação nos episódios do seriado, mas com o olhar afunilado ao seu papel nas práticas sociais retratadas, com vistas ao fortalecimento tanto na difusão da Libras (Língua Brasileira de Sinais), quanto na promoção dos direitos das pessoas surdas.

Conforme estabelecido na Lei nº 10.436 (Brasil, 2002), a Libras, como primeira língua da pessoa surda, é um meio de “[...] comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil”. Além de ser considerado idioma oficial da comunidade surda, de acordo com Nogueira (2012), Perlin (2015) e Santana (2019), a Libras perpassa aspectos culturais, comunitários, identitários etc. Outra de suas importantes funções é de ser mediadora pedagógica para a aquisição do português escrito, como segunda língua, enquanto idioma que possui valor fundamental em muitos segmentos da vida cotidiana em território nacional. Na direção dessa mediação, na Lei n. 12.319 (Brasil, 2010), regulamentou-se a profissão do intérprete, enquanto campo de atuação que, com formação específica na área de atuação, pauta-se em processos, estratégias, técnicas de interpretação e tradução.

Fazendo avançar os resultados atingidos no estudo mencionado, este texto possui novo foco, com vistas aos enfrentamentos vivenciados especificamente pela mulher surda. Adotamos o conceito de mulher, com base no que pontua Butler (1999), como um conceito aberto, definido através do próprio fazer político. Sexo e gênero, para a autora, não existem em um formato prévio, não são apenas um dado, ao contrário do que se tenta estratégicamente com a criação de identidade. Dessa forma, são constituídos ininterruptamente, sob a incidência dos processos regulatórios para impor a coerência estabelecida pela sociedade.

A respeito da identidade, destacamos que, para Perlin (2015, p. 52), ela “[...] é algo em questão, em construção, uma construção móvel que pode frequentemente ser transformada ou estar em movimentos, e que empurra o sujeito em diferentes posições”. Cientes da existência de múltiplas identidades (Perlin, 2015) – surdas, híbridas, de transição, incompletas e flutuantes – é que nos inquietamos sobre a natureza, as especificidades e o alcance de artefatos culturais que já circulam em Libras, entendendo sua importância para promoção de acessibilidade.

Nesse caminho, assumimos, inicialmente, que o papel de analistas, como propõe Vinhas (2023, p. 41), é o de “[...] explicitar/descrever montagens – arranjos sócio-históricos de constelações de enunciados”. Movimentando tal lugar no bojo do seriado de onde insurge o *corpus* de investigação, nossa investida inicial se dá no delineamento de suas condições de produção. De acordo com Courtine (2016, p. 20),

[...] a noção de condições de produção do discurso regula, em AD, a relação entre a materialidade linguística de uma sequência discursiva e as condições históricas que determinam sua produção; ela funda, assim, os procedimentos de constituição de corpus discursivos (conjunto de sequências discursivas dominadas por um determinado estado, suficientemente homogêneo e estável, das condições de produção do discurso).

Considerando as “condições históricas que determinam a produção”, a que se refere o autor, podemos começar resgatando que a primeira temporada de Crisálida foi ao ar em 26 de setembro de 2019, no canal televisivo TV Cultura. Sendo a primeira série de conteúdo ficcional dramático bilíngue

(Libras/Língua Portuguesa), produzida em território brasileiro, como já ponderado, ela foi dirigida por Serginho Melo e Nora Carús.

A televisão é vista aqui “[...] como espaço possível de qualidade artística [...] não pela superação do cinema como meio audiovisual artisticamente legitimado, mas pelo investimento na singularidade estilística das séries no panorama audiovisual de hoje” (Silva, 2014, p. 245). A TV Cultura, em específico, é uma emissora pública, popularmente conhecida por dar protagonismos a programações mais educativas, que difundem conhecimento, especialmente àquelas que fogem do cânone tradicional, potencializando a circulação de programas com temáticas outras, que agregam valor cultural e de resistência. Durante o tempo em que esteve disponível na TV aberta, o horário de exibição, como se pode ver, situava-se no período noturno.

Sobre o gênero discursivo em destaque, Colonna (2010, p. 36) já explica como

A série de televisão repousa na repetição: retorno de personagens, de temas e de situações, redundância de diálogos e da banda sonora com a imagem, mas também de mecanismos narrativos baseados na reiteração [...]. Essa é a grande diferença em relação à ficção literária ou cinematográfica; é por isso também que ela substituiu o conto e o mito no imaginário popular.

Tomando por base o caráter reiterativo desse tipo de produção, concordamos que os debates oriundos da narrativa possuem ainda mais força, embora também saibamos que a questão da audiência do canal ou possíveis desafios relacionados ao horário de exibição versus o engajamento de audiências em tempos de redes sociais. Assim, enquanto materializados no seriado, os debates coadunam com as necessidades mais atuais de um público hiperconectado, embora, naquele momento da história, a veiculação de Crisálida ainda não havia ganhado o domínio da internet.

No ano seguinte, o seriado foi inserido na Netflix, tanto no Brasil quanto em Portugal, adotando “[...] recursos de acessibilidade de LSE [Legenda para Surdos e Ensurdidos], janela de Libras e audiodescrição” (Azevedo e Araújo, 2021, p. 92-93, acréscimos nossos com base em descrição anterior das autoras). Aberta desde 2007 no digital, a plataforma tem um funcionamento pautado na disponibilização, por streaming, de um catálogo de produções

audiovisuais, a partir de assinaturas mensais. Segundo Rios (2022, p. 7), “[...] serviços que proporcionam esse tipo de espectatorialidade, expandida e espalhada por múltiplas telas, complexificam a própria definição do que é televisão”. O autor ainda ressalta como “[...] a própria Netflix tem se vendido como um agente da indústria televisiva” (Rios, 2022, p. 7).

Considerando a natureza híbrida do seriado, no que tange à superfície linguística construída em modalidades diferentes (gestovisual, escrita/oral-auditiva), esse potencial de espectoralidade se torna interessante inclusive para a compreensão dos conteúdos ou, mesmo, para auxílio na aprendizagem de uma das línguas que o compõe. Em maio de 2023, porém, a produção teve sua retirada do catálogo. A saída da Netflix pode representar grande impacto, sobretudo, porque já estava confirmada sua segunda temporada para o segundo semestre do mesmo ano.

Levando em conta as lutas travadas pela difusão da Libras, a importância do programa televisivo decorre de seu pertencimento à chamada cultura surda. Conforme explicita Nogueira (2012, p. 253), “[...] quando o surdo apresenta competência e desempenho em Libras [...], o processo de construção de sentido de mundo será realizado pela natureza linguística em práticas sociais”. Na busca por expansão dos direitos da comunidade surda, Crisálida inclusive atingiu as seguintes e merecidas honrarias: Prêmio Exibição do Festival Internacional de Cinema Infantil; Melhor Montagem na Mostra SESC de Cinema; e Menção Honrosa do Festival de Cinema Infantil³.

A segunda temporada, gravada com apoio de Arapy Produções, Raça Livre Produções e TVi Televisão e Cinema, foi lançada no segundo semestre de 2024, retornando ao canal televisivo TV Cultura. Logo, a democratização do conteúdo, em função da TV aberta, é, sem dúvida, motivo de comemoração. O impasse que a alteração nos lança é apenas a divulgação e o estímulo para que diferentes públicos se engajem na audiência de tal artefato cultural tão representativo.

³ Disponível em: <https://portal.ufgd.edu.br/noticias/ufgd-exibe-serie-brasileira-de-ficcao-bilingue-crisalida-nesta-sexta-feira#:~:text=Por%20conta%20desse%20sucesso%2C%20,do%20Festival%20de%20Cinema%20Infantil>. Acesso em: 28 mar. 2025.

Para além das questões movimentadas neste tópico, “[...] não temos como não compreender o objeto ‘discurso’ sem retomar seu caráter histórico, já que tanto os discursos quanto os sujeitos movem-se em processos contraditórios de reprodução/transformação em dada sociedade” (Sobrinho, 2023, p. 98). No rol do caráter contraditório de tais processos e apesar das mudanças descritas sobre a disponibilização em TV aberta ou em plataforma de streaming, se, de um lado, Crisálida é original ao irromper com a dominância de produções ouvintistas, por outro, a carência de mais obras da cultura surda que ganhem os espaços discursivos de grandes circulações ainda preocupa do ponto de vista da representatividade e do papel histórico-social dos debates que ela pode suscitar.

Utilizar a teoria pecheuxtiana para ler o episódio do seriado possibilita, portanto, por meio de duas Sequências Discursivas (SDs), movimentar sentidos que emergem em dizibilidades produzidas dentro de uma lógica predominantemente oral-auditiva. Para o avanço nas produções acadêmicas, contemplar um seriado bilíngue, valorizando obra produzida em nosso país, além de fomentar a cultura brasileira, também é valorizar o progresso na área das linguagens, sobretudo no campo da Análise de Discurso materialista.

1.2 Dispositivo conceitual da perspectiva discursiva

A abordagem da vertente materialista, enquanto disciplina de entremedio (Orlandi, 2003; Ferreira, 2007), emergiu na década de 60, “[...] mostrando que não há separação estanque entre linguagem e sua exterioridade constitutiva” (Orlandi, 2012, p. 25). Um dos elementos basilares da necessidade desse pressuposto passa, pois, por firmar o modo como a categoria discurso é concebida: enquanto um lugar de intersecção entre a língua e a ideologia.

A perspectiva é teórica e metodológica ao mesmo tempo, figurando na articulação entre o que Orlandi (2006) chama de dispositivo teórico e dispositivo analítico. Para a autora, o primeiro é formado pela teia conceitual acionada para a análise discursiva, orientando a observação que se realiza do funcionamento das discursividades. Ele “[...] faz o deslocamento de uma leitura tradicional para uma [...] que estabelece uma escuta que coloca em relação o dizer com outros dizeres e com aquilo que ele não é, mas poderia ser” (Orlandi,

2006, p. 26). Já o segundo – dispositivo analítico – “[...] vai depender da questão do analista, da natureza do material analisado, do objetivo do analista e da região teórica em que se inscreve o analista” (Orlandi, 2006, p. 26).

Sob a ótica desse duplo arsenal de dispositivos, para compor a análise das SDs advindas do seriado, no entrelaçamento entre sujeitos e situações e de acordo com as condições de produção em funcionamento, estabelecemos uma ligação entre as cenas ficcionais dos surdos e a historicidade vivida por indivíduos gestovisuais em nosso país.

Dialogando com o conceito proposto por Fernandes (2020, p. 71), resgatamos que a definição do termo discurso surge no livro “Análise Automática do Discurso”, quando Pêcheux (1969) começou a discutir acerca do esquema comunicacional de Jakobson. A ideia defendida pelo filósofo francês era a de que a mensagem entre dois extremos, por exemplo, A e B, não se realiza sem a produção de formações imaginárias. A partir disso, entende-se que o sujeito A e o sujeito B se situam como uma representação de “[...] lugares na estrutura social” (Pêcheux, 1969, p. 82).

No quadro das Formações Imaginárias (FI), Pêcheux (1969) representa dois sujeitos: o sujeito A – que, no nosso corpus, pode ser uma mulher surda indo conhecer a família de seu companheiro – e o sujeito B – neste caso, os pais do companheiro, sendo que cada um deles ocupa uma posição-sujeito. Em um processo hipotético de comunicação entre os dois, o sujeito A pode criar a expectativa de acolhimento para o primeiro contato. Nesse caso, a mulher (sujeito A) teria uma expectativa do que se espera do encontro. Por outro lado, os pais – sujeito B – podem ou não atender às expectativas geradas pelo sujeito, por exemplo⁴.

Cabe destacar que, metodologicamente, nossa abordagem se estabelece na promoção de um gesto de interpretação. Conforme explicita Orlandi (1996, p. 9), “[...] a interpretação está presente em todo e qualquer manifestação de linguagem. Não há sentido sem interpretação [...] diferentes

⁴ Esta breve apresentação será desenvolvida na seção da análise, a partir das formulações trazidas nas SDs I e II selecionadas.

formas de linguagem, com suas diferentes materialidades, significam de modos distintos”.

Em síntese, a concretização do percurso teórico-metodológico anunciado volta-se à descrição-interpretação dos trajetos temáticos (Guilhaumou, Maldidier, 2014) encontrados no episódio um da 1ª temporada do seriado (2019). A “[...] análise de um trajeto temático [...] interessa-se pelo novo do interior da repetição. Esse tipo de análise não se restringe aos limites da escrita, de um gênero, de uma série: ela reconstrói os caminhos daquilo que produz o acontecimento na linguagem”.

Em conformidade com os autores, o trajeto temático em nosso artigo é concebido como a articulação e a categorização do corte feito a partir do que produz o acontecimento na linguagem. Isso significa, na prática, que um mesmo trajeto temático pode levar a um ou vários acionamentos de posições-sujeitos, como esta que, mais à frente, será nossa análise: o episódio 1. Com 30 minutos de duração, o foco dele se volta aos enfrentamentos vivenciados no cotidiano da mulher surda em uma sociedade ouvintista (Skliar, 1998).

Em nossa visada, o episódio perpassa o trajeto temático: Surdez é diferença linguística. Nele, temos acesso aos discursos propagados acerca da posição-sujeita mulher surda, Morgana, intersectada em um jantar familiar, no qual ouvintes indagam sobre o lugar que ela poderia ou não ocupar a partir dali - como namorada do filho cuja família ela acaba de conhecer. Segundo Orlandi (2023, p. 127), para a análise discursiva,

[...] o método se engaja oferecendo procedimentos para passar do texto (discurso “concreto”) para o objeto discursivo (transformação do discurso concreto em objeto teórico) até alcançar o processo discursivo, processo que já não diz respeito apenas ao material analisado, mas a outros materiais existentes.

Na engrenagem explicada pela autora, a passagem do discurso concreto decorre de nossa entrada pela superfície linguística de uma formulação analisável. Na passagem dessa materialidade, que pode ser apreendida por um de nossos sentidos (lida, vista, escutada, tocada ou sentida, a depender da modalidade de linguagem envolvida), imerge-se na relação entre o que consta na dizibilidade e os não-ditos. Ao fazê-lo, aciona-se o objeto discurso, isto é,

aquilo que já faz parte do objeto teórico da AD. Por meio dele, desnaturaliza-se a ideia de que os modos de dizer não poderiam ser outros. A reflexão em torno do que entra versus o que fica de fora, no nível da dizibilidade, adentra a problematização pelo chamado processo discursivo.

Traçada a visada conceitual demandada pelo objeto de pesquisa em manuseio e dada a especificidade deste trabalho, enquanto pesquisa discursiva, o processo metodológico adotado inscreveu de etapas distintas, a saber: a) estudo do conteúdo videográfico do seriado bilíngue; b) delineamento e descrição de trajetos temáticos de análise focalizados acerca do sujeito mulher surda; c) seleção dos textos teóricos norteadores da problematização do objeto, à luz da AD francesa; d) escolha pelos recortes no estabelecimento das Sequências Discursivas de análise. No próximo tópico, procedemos ao batimento entre elas e o objetivo do estudo.

2. “Surda-muda”, “E foi acidente?”: objetificação e patologização da mulher

Em decorrência dos discursos estabilizados proferidos a partir da concepção errônea de surdez, destacamos, com Sobrinho (2023, p.101), que “[...] a montagem do corpus e as análises discursivas que delas derivam são, para nós, tentativas de traduzir, na teoria e na prática, a realidade em seu processo dialético materializado em discursos”. No nosso caso, o selecionar o episódio 1 da primeira temporada, como explicado antes, direciona a lente para uma mulher surda que acaba sendo alvo de estigmas e preconceitos proferidos devido à influência do patriarcado e de discursos capacitistas, a partir do contato com uma sociedade majoritariamente ouvinte como a que ela está inserida.

A justificativa para a escolha de tal trecho da materialidade se firma no modo como as mulheres sofreram/sofrem diversas interdições, enclausuramentos voltados às tentativas de normalização de seu corpo – com vistas a um ideal de “correção de uma deficiência”. De acordo com Mendes (2021, p. 19), a partir da noção de mulher surda, emergida dentro de uma sociedade predominantemente ouvinte, a

[...] socialização da mulher surda, mais difícil em decorrência de um olhar social de fragilidade duas vezes maior pela condição do gênero e pela surdez, precisa, para a sua progressão, do reconhecimento do Ser Surda. Precisa do reconhecimento de sua língua e de seu lugar no mundo como sujeito de cultura e necessidades que transgridem qualquer possível homogeneização formulada pela ideia de surdo/surda/surdez.

Conforme pontua a autora, em relação às questões de gênero, a sujeita surda segue sendo discursivizada e intitulada na sociedade como frágil, submissa, dócil, incapaz etc., uma caracterização que resulta em sua exploração, por exemplo, dentro do mercado de trabalho e/ou em casa.

Com a proposta de problematizar a posição-sujeito mulher surda, partimos, portanto, da concepção de que, a partir de diferentes sistemas de dominação, há um entrelaçamento entre ela e a sociedade patriarcal. Sabemos que tais dominações são recorrentes nas práticas e nos discursos de cunho machista, propagados pelo campo masculino em uma sociedade na qual a interpelação e o assujeitamento pela ideologia se inscrevem no corpo da mulher surda de maneira distinta. Isso porque, seja de uma ótica corporal que objetifica existências femininas, seja de uma ótica capacitista, operam mecanismos estabilizadores de fragilização, homogeneização, apagamento.

No episódio, Jacks, um homem negro, tem um encontro com Morgana quando ela sofre um acidente de bicicleta, e ele a auxilia em busca de ajuda médica, porém, neste momento, o rapaz ainda não sabia Libras. Depois do encontro, ele decide ir em busca de um curso de Libras, na mesma instituição em que Morgana estudava. A partir daí, os dois começaram um relacionamento amoroso. Fruto da união, Jacks decide levar sua namorada para conhecer seus pais em um almoço. A cena recortada descreve a ocasião de um encontro familiar em que, todavia, os pais reagem de forma ríspida ao perceberem a surdez da moça. A cena é composta pela entrada do casal no apartamento, e as formulações seguintes são trazidas no formato de uma conversa à mesa: Primeiro: “Essa é a Morgana. Essa é minha mãe. E esse é meu pai.” A personagem Morgana responde em língua de sinais “Boa noite, prazer em conhecer vocês” com a expressão meio tímida e sem jeito. No momento, a resposta e a expressão vindas da mãe de Jacks, que antes demonstrava

acolhimento, passa para uma expressão inquieta e responde “Prazer em conhecer, querida. Entra fica à vontade vamos sentar”. Após essa recepção, todos da casa se dirigem à mesa na qual a configuração está a Morgana ao lado de Jacks, e ambos estão sentados à frente dos pais do rapaz em uma mesa arrumada para um jantar.

Segundo: “É bonita a sua namorada, mas... namorar uma surda-muda, filho?” essa formulação é proferida pelo pai de Jacks. O rapaz, inconformado, indaga “Pai?” na esperança de cessar aquela conversa, desviando o assunto. Nesse momento, Morgana percebe os olhares, as expressões faciais, os movimentos labiais e começa se sentir mais desconfortável naquela situação.

A conversa retorna a mãe de Jacks que pergunta de onde ela era, tentando descobrir mais sobre a futura nora, todavia, nessas perguntas, ela acaba levando a conversa novamente para os discursos preconceituosos. Terceiro: “E foi acidente? A doença”. Após essa formulação ter surgido no jantar, a namorada pergunta onde fica o banheiro, dirige-se até o local indicado, porém acaba saindo pela porta dos fundos do apartamento, com uma expressão facial de tristeza e lágrimas nos olhos.

O trecho recortado e descrito explicita uma apresentação em português e em Libras. Quando se assiste ao trecho, há, em um efeito de congelamento do rosto do pai, parte dos julgamentos cotidianos sofridos por uma mulher, sendo ela ouvinte ou surda, como também retrata os desafios da personagem ocupante das duas lentes acionadas. A personagem Morgana é uma mulher surda, de ascendência oriental, de raça amarela, ocupante da posição de estudante, ciclista e trabalhadora. De acordo com a descrição no seriado, ela mora sozinha por um possível abandono familiar. O episódio contempla diferentes impasses sofridos pela comunidade surda, sendo esses vivenciados a partir de diversas esferas, tais como familiar, mercadológica, acadêmica etc. Na familiar, como é o caso, imageticamente, tanto a chegada quanto os diálogos que sucedem o primeiro impacto interessam e se complementam.

SD I - Transcrição: “É bonita a sua namorada, mas...

Mas namorar uma surda-muda, filho?”

Na Sequência Discursiva I, o estatuto informational dos constituintes oracionais comparece, na superfície linguística, em uma organização distinta no que tange ao clássico modelo sintático-pragmático de tópico (tema) e foco (ênfase em parte do que se diz sobre o tema). Em uma espécie de efeito de “topicalização”, com realce prosódico e alteração na ordem, a oração principal desse período composto por coordenação se inicia pela cópula (verbo “ser”), seguida do predicativo do sujeito “bonita”. Nessa disposição, o diálogo entre homens, acerca da namorada recém apresentada à família, perpassa, primeiramente, a avaliação paterna configurando “[...] um imaginário ainda fortemente estigmatizado na sociedade contemporânea, em que ela [a mulher] é (ex)posta como objeto de desejo, da ordem do sagrado, fruto da perfeição e moldada em certos padrões” (Ruiz, 2020, p. 1015, acréscimo nosso).

Nesse sentido, embora o adjetivo qualificativo objetifique a mulher em condições de produção específicas, neste caso, ocorre uma controvérsia, já que algo em sua caracterização a tornaria “insuficiente” para ter uma relação afetiva com o rapaz. Isso acontece, sobretudo em discursos proferidos, de forma mais ampla, por sujeitos do sexo masculino buscando dar uma espécie de credibilidade a uma mulher por ela ser “bonita”. Então, se “[...] o processo de sociabilização infringe às mulheres o cumprimento de uma série de requisitos sociais que engloba a estética, a sexualidade, a maternidade e o desenvolvimento de tarefas domésticas” (Franco et al, 2022, p. 3), no caso da jovem Morgana, o uso da conjunção coordenativa adversativa “mas”, em seu potencial adversativo, pode acrescentar e enfatizar, como contrariedade, a surdez: “mas namorar uma surda-muda, filho?”.

Parafrasticamente, ao interrogarmos o objeto discursivo, produzindo outros enunciados possíveis, como: 1. “ela é maternal” ou 2. “ela é boa dona de casa,” podemos observar, no que tange aos requisitos dessa maquinaria de objetificação da existência feminina, como “[...] o culto ao corpo, intimamente ligado à construção do moderno, é um fenômeno criado, sustentado e reforçado por uma gama de discursos públicos e privados, e por uma rede de práticas discursivas e sociais” (Figueiredo, 2017, p.7). Na mesma direção, a oração adversativa “mas ela é surda-muda” ganharia novos efeitos de sentido possíveis no entorno contrário - “mas ela é ouvinte”, “mas ela é ouvintista”.

Sabemos o quanto improváveis poderiam ser sentenças como as duas últimas que exemplificamos, dado que contrariam o discurso dominante do oralismo, entretanto, no processo discursivo, quando se desnaturaliza as marcas textuais presentes no eixo intradiscursivo, potencializa-se a força histórica e preconceituosa de formulação, difundida em cena: “mas ela é surda-muda”.

Também merece destaque a forma com que conectivos considerados contrastivos, como o “mas”, em usos que envolvem quebra de expectativa, são descritos no interior de estudos pragmáticos, enquanto aquele que têm o potencial de produzir sentidos que “[...] contrariam as expectativas normais; indicar eventos inesperados ou indesejados e, ainda, expressar a não satisfação de condições possíveis ou necessárias” (Pacheco e Dias, 2023, p. 6). No caso em discussão, a contrariedade ainda ganha nova camada argumentativa, pois, no interior do enunciado interrogativo, a presença do sinal ideográfico ainda entoa, como “[...] instrumento ou agente do ritmo, do poder, do silêncio em todas as suas dimensões” (Durrenmatt, 2000, p. 3). Isso porque um questionamento acerca da escolha do filho pode produzir sentidos nos quais “[...] a pontuação resiste, reclama que se escreva sua história” (Durrenmatt, 2000, p. 3). Na história da pergunta recordada, nega-se, portanto, uma diferença linguística como “requisito” para um romance entre duas pessoas.

Ainda sobre a mobilização do termo “surda-muda”, podemos remetê-lo aos discursos estabilizados acerca da identidade surda e do mito instaurado na sociedade, predominantemente ouvinte, de que o sujeito surdo também é mudo. Concordamos, com Bideman (1981, p. 133), que “[...] o léxico pode ser considerado como uma categorização simbólica organizada, que classifica de maneira única as experiências humanas de uma cultura”. Pautadas na assertiva da autora, salientamos que a noção advém da ideia de que a surdez biologicamente provém da falta de audição, não da falta de produzir som por meio do aparelho fonador. Já a mudez é caracterizada por problemas no sistema vocal que, por alguma causa biológica ou emocional, não consegue produzir sons. Por fim, como alertam Barros e Hora (2009, p.8) sobre o termo surdo-mudo, cabe não esquecer que

[...] é muito forte dentro da comunidade surda o repúdio ao mesmo, por ser considerado que as pessoas que nascem surdas, e as que adquirem a surdez antes da aquisição da língua verbal, não desenvolvem a oralidade pela impossibilidade de escutarem e entenderem a comunicação oral dos/as ouvintes, mas apresentam o sistema fonador preservado, emitem sons e, podem falar por meio da língua de sinais, e algumas conseguem se tornar oralizadas por escolha própria, imposição da família ou da sociedade ouvintista.

Assim, a formulação da cena (SD I) está vinculada a discursos preconceituosos, ou seja, trata-se de um funcionamento cujo discurso estabilizado coloca a sujeita surda como deficiente e ignora, totalmente, a diferença linguística existente, uma vez que há um abismo entre ter deficiência física/intelectual e ser diferente linguístico.

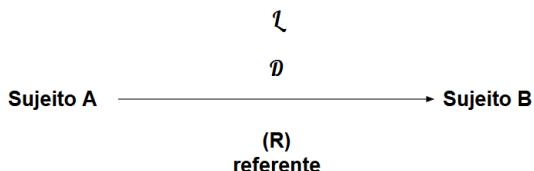
SD II - Transcrição: E foi acidente? A doença.

Ainda na cena recortada, Sequência Discursiva II, consta uma nova formulação interrogativa, produzida pela mãe do rapaz: "E foi acidente?". Ali, a personagem lança um questionamento para saber "a origem da surdez". Após esse momento, uma nova formulação irrompe - "A doença", no qual se busca uma "explicação" acerca da diferença linguística e ainda se justificando por meio de discursos estabilizados e preconceituosos acerca da sujeita surda, colocando a surdez no campo de uma deficiência e, até mesmo, no âmbito de uma doença como foi mobilizado no recorte.

Diante de uma sociedade predominantemente ouvintista, o ser surdo popularmente se tornou uma espécie de sinônimo para estar doente, uma vez que, quando há o mito de que, sem a audição, a pessoa possuiria atrasos cognitivos do ser humano, ocorre o apagamento de que a surdez não está ligada a uma deficiência, mas sim, como já bastante mencionado, a uma diferença linguística.

Ao revisitarmos o conceito de formações imaginárias, contemplado na parte teórico-metodológica deste texto, já anunciamos, com Orlandi (2023), como elas se situam na relação entre linguagem e ideologia. Para exemplificar o processo, apresentamos o esquema informacional proposto por Michel Pêcheux:

Figura I - Esquema Informacional de Michel Pêcheux



Fonte: Esquema informacional de Pêcheux (1969, p. 80). Print criado em: 28 mar. 2025.

Na Figura I, o sujeito A pode ser representado por Morgana (uma mulher surda), já o sujeito B pode figurar como os pais de seu companheiro (ambos ouvintes). A letra R, no esquema informacional, é o referente, ou seja, o “ contato” estabelecido entre os sujeitos A e B. Nos esquemas tradicionais de comunicação, a premissa maior para um sucesso interacional viria da compreensão mútua, mas, na parte superior da imagem contém as letras L (que seria o código utilizado na comunicação, neste caso, a Libras) e D que se refere à sequência verbal (ou sinalizada) emitida do sujeito A para o sujeito B.

Se, para manter uma comunicação, ambos os sujeitos precisam previamente de um código/contato em comum, no caso das Sequências Discursivas I e II, a situação é distinta. Na cena recortada, o sujeito B, os pais, não são letrados no idioma gestovisual e não entendem a existência de uma cultura surda. Destacamos que não se trata apenas de um processo de comunicação “ineficiente”, como classificaria uma abordagem mais focada em um circuito de diálogo de natureza mais formal. Do ponto de vista discursivo, como temos asseverado, efeitos ligados à quebra de expectativas tornam-se sentidos possíveis em posições-sujeito distintas. No caso do sujeito A, isso acontece quando, ao conhecer a família do companheiro, teria como imaginário um acolhimento gerado por esse primeiro contato, todavia ocorre o oposto: a moça é vítima de discursos estabilizados ligados à “insuficiência” de sua qualificação e/ou à “doença” como é caracterizada sua diferença linguística conforme denuncia o episódio em análise.

Pensando nas expectativas geradas pelo sujeito A, a mulher surda, iremos representar uma adaptação ao quadro de formações imaginárias de Pêcheux (1969, p.82):

Quadro I – Esquema analítico Sequência Discursiva I

Expressão que designa as formações imaginárias (FI)	Significação da expressão	Questão implícita cuja “resposta” subentende a FI correspondente
A Ia (R)	A expectativa gerada na mulher surda, Morgana, acerca do primeiro contato com a família do companheiro.	“De que lhe falo assim?”
B Ib (R)	Propagação de discursos estabilizados acerca da mulher surda, a partir de um lugar de “insuficiente” ou “doente”.	“De que ele me fala assim?”
<p>“Quebra de expectativa” – Perceber que o acolhimento do primeiro encontro não ocorre. Assim, um momento que deveria ser normal abre espaço para a circulação de discursos patológicos.</p>		

Fonte: Esquema das Formações Imaginárias. Criado pelas autoras em: 28 mar. 2025.

Na produção do discurso, no quadro I, observamos possibilidades de sentido a partir da cena recortada, no entrecruzamento entre as expressões faciais da mulher surda e os padrões sociais estabelecidos acerca do primeiro contato com a família do seu companheiro. Embora seja esperado um ambiente acolhedor e receptivo, a quebra de expectativas ocorre, desde o primeiro contato, quando o sujeito B, os pais, percebem sua diferença linguística. No rol das formações imaginárias envolvidas na dizibilidade, para pensarmos a mulher surda dentro da sociedade e dentro de sua própria

comunidade, assumimos os pressupostos de Pêcheux (1996, p. 149, grifos do autor) para quem

[...] se é verdade que a ideologia "recruta" sujeitos entre os indivíduos (à maneira como os soldados são recrutados dentre os civis), e que os recruta a todos, precisamos saber de que modo os 'voluntários' são designados nesse recrutamento, isto é, no que diz respeito, como os indivíduos aceitam como evidente o sentido daquilo que ouvem e dizem, lêem e escrevem (ou do que tencionam dizer e do que se tenciona dizer a eles, na condição de 'sujeitos falantes').

Ou seja, a produção da posição-sujeita mulher, sobretudo, a mulher surda, emerge a partir da existência da mesma dentro do espaço em branco do sujeito, sendo preenchido por um sentimento embrionário de pertencimento ou não, a depender das coerções a que é submetida em uma lógica oral-auditiva dominante.

Dada a abertura para tratarmos da posição-sujeito mulher surda, nós nos voltamos também para o conceito materialista de posição-sujeito que, em conformidade com Freire (2021, p.13), “[...] se refere ao lugar de onde se fala e se produz sentido”. Para compreender os sentidos possíveis a essa posição, partimos da concepção de que há um entrelaçamento entre a mulher surda e a sociedade patriarcal, uma vez que ela é alvo duplo dentro de um ambiente patriarcal e predominantemente ouvinte/ouvintista. Então, se “[...] o patriarcado mantém e sustenta a dominação masculina [...] são ideologias que nos ensinam que as mulheres são naturalmente inferiores” (Lerner, 2019, p. 25). No caso da mulher surda, infelizmente, como bem denuncia o seriado, a inferiorização é acentuada quando a família do namorado não aceita uma moça com tal diferença linguística. Como sabemos, a recusa específica, no contexto da luta de classes que analisamos, merece nossa discussão, mas não ignoramos o quanto ela poderia partir de outros marcadores socioculturais e ideológicos, já que, como a Morgana ficcionalizada performa, inúmeros são os confrontamentos seculares que nós, mulheres, enfrentamos, há tempos e ainda, no seio do patriarcado.

Considerações finais

No desenvolvimento deste artigo, emerge, como visto, a linha tênue entre o imaginário e o não-ficcional, a partir da mobilização de práticas cotidianas. Cientes de que “[...] o ‘fazer científico’ é efeito-trabalho/movente-movido pela processualidade histórica” (Sobrinho, 2023, p. 98), buscamos analisar os discursos estabilizados produzidos na sociedade ouvinte acerca da pessoa surda, sobretudo, da mulher surda. No interior do trajeto temático que acionamos, metodologicamente, para a realização do gesto de interpretação deste texto, encontramos a caracterização da personagem Morgana como “bonita aos padrões sociais”, porém “insuficiente” ou “doente” por ser estereotipada.

Sabemos que “[...] nossa prática científico-política nos inquieta (enquanto analistas de discursos), e, mais que isso, incomoda e desafia o sistema capitalista porque questiona os sentidos, os sujeitos e o modo de ser desta sociedade” (Sobrinho, 2023, p.101). Dos questionamentos sistematizados neste texto, a partir das análises, defendemos que “Crisálida” desnaturaliza as tentativas de normalização das sujeitas surdas. Assim, ao congregar uma coletânea de narrativas focalizadas nas dificuldades e nos enfrentamentos encontrados do contato com uma sociedade denominada como ouvintista, o seriado pode denunciar e subverter a dominância de discursos patológicos, fazendo ecoar, nas engrenagens das lutas de classe, reinterpretações dos lugares ocupados por mulheres, por pessoas surdas, pelas línguas de sinais e, por consequência, pela cultura surda.

Referências

- AZEVEDO, A; ARAUJO, E. S. Cinema e Acessibilidade online: Análise dos streamings Netflix, Globoplay e PingPlay. **Culturas Midiáticas**, [S. I.], v. 15, p. 30, 2021.
- BIDERMAN, M. T. C.. A estruturação mental do léxico. In: BORBA, F. S. (Org.). **Estudos de filologia e linguística**: em homenagem a Isaac Nicolau Salum. São Paulo: T. A. Queiroz, 1981. p. 131-145.

BRASIL. **Lei nº 10.436**, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Diário Oficial da República Federativa do Brasil. Brasília.

BRASIL. **Lei nº 12.319**, de 01 de setembro de 2010. Regulamenta a profissão de Tradutor e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS. Diário Oficial da República Federativa do Brasil. Brasília.

BUENO, J. G. S.. Surdez e multiculturalismo: considerações críticas. In: MARTINS, Lúcia de Araújo Ramos; PIRES, Gláucia Nascimento da Luz; PIRES, José. **Inclusão escolar e social:** novos contextos e novos aportes. Natal: EDUFRN, 2012. p.99-112.

BUTLER, J. **Gender trouble:** feminism and the subversion of identity. New York e Londres: Routledge, 1999.

COLONNA, V. **L'Art des Séries Télé:** Ou Comment Surpasser Les Américains. Paris: Payot & Rivages, 2010.

COURTINE, J. J. Definição de orientações teóricas e construção de procedimentos em análise do discurso. **Policromias**, v. 1, n. 1, p. 14-35, jun. 2016.

DURRENMATT, J. (Org.). **La ponctuation.** Besançon: La Licorne, 2000.

FERNANDES, C. Discurso. In: LEANDRO-FERREIRA, M. C. (org.) **Glossário de termos do discurso** – edição ampliada. Campinas: Pontes Editores, 2020. p. 71-74.

FERREIRA, M. C. L. Análise do Discurso no Brasil: notas à sua história. In: FERNANDES, C. A.; SANTOS, J. B. C. (org.). **Percursos da Análise do Discurso no Brasil.** São Carlos: Claraluz, 2007. p. 11-22.

FIGUEIREDO, D. de C.; NASCIMENTO, F. S.; RODRIGUES, M. E.. Discurso, culto ao corpo e identidade: representações do corpo feminino em revistas brasileiras. **Linguagem em (Dis)curso** – LemD, Tubarão, SC, v. 17, n. 1, p. 67-87, jan./abr. 2017.

FRANCO, S.; VIEIRA, C. M.; OLIVEIRA, M. R. M.. Objetificação da mulher: implicações de gênero na iminência da cirurgia bariátrica. **Revista Estudos Feministas**, 30(3), e79438, 2022.

- GUILHAUMOU, J.; MALDIDIER, D.. Efeitos do arquivo. A análise do discurso no lado da história. In: ORLANDI, E. (Org.). **Gestos de leitura:** da história no discurso. 4^a. Ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2014, p. 169-191.
- LOURO, G. L.. **Gênero, sexualidade e educação:** uma perspectiva pós-estruturalista. 16. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.
- MENDES, A. P. S. **A objetivação da mulher surda na ordem do digital:** discursos e sentidos sobre o sujeito-corpo (de) Natália. 170 f. Dissertação (Mestrado em linguística e semiótica) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS. Campo Grande – MS, 2021.
- NOGUEIRA, A. Z. O ensino de Língua Portuguesa para surdos. In: PALOMANES, R.; BRAVIN, A. M.. **Práticas de ensino de português.** São Paulo: Contexto, 2012, p. 241-262.
- ORLANDI, E. P. Análise de discurso: uma ciência da linguagem. In: GRIGOLETTO, E.; CARNEIRO, T. C. da C. (org.). **Dialogue avec Analystes du Discours: réflexions sur la pertinence de la pensée de Michel Pêcheux aujourd’hui.** 1. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2023. p. 126-131.
- ORLANDI, E. P. **Discurso e texto** – formulação e circulação dos sentidos. 4. ed. Campinas: Pontes Editores, 2012.
- ORLANDI, E. P. A Análise de Discurso em suas diferentes tradições intelectuais: o Brasil. In: **Seminário de Estudos em Análise de Discurso**, 1., 2003, Porto Alegre. Anais [...]. Porto Alegre: UFRGS, 2003. p. 8-18.
- PÊCHEUX, M. Análise Automática do Discurso. In: **Por uma análise automática do discurso:** uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1969. p. 61-161.
- PERLIN, G. T. T. Identidades surdas. In: SKLIAR, Carlos. (Org.) **A surdez:** um olhar sobre as diferenças. 7 ed. Porto Alegre: Mediação, 2015, p. 51-74.
- RIOS, D. Fabricando números: uma análise sobre dados de visualização das séries Originais Netflix. **Galáxia** (São Paulo), v. 47, p. e53700, 2022.

RUIZ, M. A. A. O corpo feminino em discurso: memória e (r)existência.

Estudos Linguísticos (São Paulo. 1978), [S. I.], v. 49, n. 2, p. 1014–1032, 2020.

SANTANA, A. P. **Surdez e linguagem:** aspectos e implicações neurolinguísticas. Plexus Editora, 2019.

SILVA, M. V. B. Cultura das séries: forma, contexto e consumo de ficção seriada na contemporaneidade. **Galaxia** (São Paulo, Online), n. 27, p. 241-252, 2014.

SKLIAR, C. (Org.) **A surdez:** um olhar sobre as diferenças. 7 ed. Porto Alegre: Mediação, 1998.

SOBRINHO, H. F. da S. Análise do discurso e suas implicações teórico-políticas na sociedade capitalista. In: GRIGOLETTO, E.; CARNEIRO, T. C. da C. (org.). **Dialogue avec Analystes du Discours:** réflexions sur la pertinence de la pensée de Michel Pêcheux aujourd’hui. 1. ed. – Campinas, SP: Pontes Editores, 2023. p. 97-102.

VINHAS, L. I. Escuta social, disciplina de interpretação: uma questão de responsabilidade. In: GRIGOLETTO, E.; CARNEIRO, T. C. da C. (org.).

Dialogue avec Analystes du Discours: réflexions sur la pertinence de la pensée de Michel Pêcheux aujourd’hui. 1. ed. – Campinas, SP: Pontes Editores, 2023. p. 41-47.

Recebido em: 10-04-2025

Aprovado em: 01-05-2025